


# VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada



<b>ESCRITORIO</b> <b>RUA DO OUVIDOR</b> 52 - 2.º andar - 52	<b>CORTE</b> Trimestre 25000 Semestre 50000 Annuo 75000	<b>PROVINCIAS</b> 115000 215000 150000
---	--	---



Sahida de bond de uma familia no ponto da rua de Goncalves Dias actualmente  
 A Autoridade prohibira as plataformas ao publico para que as familias podessem  
 entrar e sair livremente.  
 Com effeito! Não parece uma caçoadá!?

## A VIDA FLUMINENSE

Rio, 10 de Junho

Quando fallei sobre o elemento servil, na chronica passada, disse referido-me aos membros dissidentes do partido conservador:

«Eia! senhores deputados, promovei quanto antes a scisão do Imperio. Fazei dous grandes partidos: o do Norte e o do Sul, abolicionistas e escravocratas.

Os Estados-Unidos ahí estão para ensinar-nos como se resolvem estes problemas!»

Se não foram estas as palavras, foram pelo menos estas as idéas.

Pôdem disse-o em tom de graça, inteiramente conhecido de quo as cousas, por muito emmaranhadas que andassem agora, estavam muito longe ainda de tão desgraçado caminho.

Infelizmente pouco que *fallei verdade a mentir*, por quanto já um órgão da imprensa da corte, sempre o primeiro a pisar na agua que se revolta, começou a proclamar que era um facto consummado aquillo que horas antes eu apresentara como exaggeração caricata da actualidade!

Esse órgão, verdadeiro menino travesso que se apraz em brincar com o fogo, sustentou em suas columnas que o norte quer a emancipação e o sul a repelle, e que por isso só *quatro* deputados daquella parte do Imperio votaram contra o governo e que só *doze* desta votaram a favor.

Deixarei sem commentarios a imprudencia imperdoavel de crear o vulgarisar um boato, que pôde ter consequências tão funestas.

Não a censurarei, por ser ella de natureza tal que a si mesmo se condanna.

Não procurarei tambem provar que os algarismos—quatro e doze—acima citados, são tão falsos como quem se animou a inventar e divulgar esse boato.

Direi apenas o seguinte:

Dou de barato que seja real o que assevera o órgão da imprensa, a que há pouco me referi.

Dou de barato que, com excepção de *quatro*, todos os deputados nortistas votassem com o governo, e com excepção de *doze* todos os sulistas votassem contra.

Que prova isso?

Prova que o norte do Imperio quer a emancipação e que o sul a repelle?

Não!!!

Não ha ninguém no Brasil, morô de Deus! que tenha os olhos assim tão fechados á luz da civilisação.

Não ha ninguém que não comprehenda, que não sinta

que sou a hora em que este formosíssimo Imperio deva arrancar de seus possantes hombros a terrivel tatica do Nessus, para tomar o lugar do honra que lhe compete ao lado das primeiras nações do mundo.

Não! Ninguém se oppõe á emancipação!

Todos os corações a desejam, todas as boccas a pedem unisonas.

E se alguma cousa não se fez n'esto ultimo quatrienio foi, como muito bem disse o illustrado Visconde de Itaboraí no voto que deu no conselho do Estado em Abril de 1867, *a porque era da mais alta inconveniencia fazer uma questão, que tem de abalar profundamente os animos, enquanto durar a guerra do Paraguay.*

Depois, portanto, da luta travada com o finalo ditador Lopes devia vir a emancipação, como vem o dia depois da noite.

E' essa uma necessidade indeclinavel, a que nenhum de nós se pode furtar e a que nenhum de nós se furtia.

Não!

Ninguém repelle a emancipação! O sol do progresso illumina e vivifica com os mesmos raios todo esta abençoado torrio, desde o Amazonas até o Prata. Não ha portanto razão alguma para que uma parte dello seja mais surda do que a outra aos reclamos da civilisação; nem o é!

A duvida unica consiste no modo de emancipar.

O Norte, tendo plena confiança nos immonses recursos deste paiz extraordinario (não extraordinario que hoje já quasi não sente os terribes effeitos da calamitosa guerra paraguaya) accia sem susto o projecto do governo.

O sul, mais timorato, arrecoia-se delle; temo que a liberdade do ventre, realisada desde já, traga consequências desastrosas, diminuindo sensivelmente, em um prazo muito breve, — as forças da lavoura.

Por isso (e por que a opposição, que tudo transforma em arma politica, assaolhou que quem appoiasse agora o ministerio ficava *ipso facto* obrigado a appoiar mais tarde seu projecto) maior numero de deputados do sul se pronunciou contra o governo e maior numero do norte a favor.

Eis em que se resume tudo!

Houve pois um erro, erro manifesto da parte da camara, anticipando na resposta á falla do throno uma discussão que só deveria ser feita posteriormente.

Houve isso, e mais nada.

E essa anticipação prova á toda a luz que a camara não sympathisa em sua totalidade com o projecto; porém nunca que uma parte della repudia a emancipação.

\*\*\*

Não quero deixar este assumpto sem declarar, em alto e bom som, quanto sio... pouco decentes as gargalhadas com que mais de uma vez o grupo conservador dissidente, do braço dado com o liberal, fez estrugir as abobadas da camara, quando algum deputado deu seu voto apoiando o governo.

Taes demonstrações só tem cabimen o quando partem das galerias, onde ao lado de pessoas sisudas podem sentar-se individuos assallariados e sem educação.

Mas no recinto da camara não as comprehendo.

E menos comprehendendo ainda que um representante da nação, esquecido do que vê aos seus e illegas e a si proprio, se affoute em dar toda a publicidade a semelhantes desmandos, mandando-os, *anonymamente* o o *manifesta adulteração*, nas folhas diárias.

Tal proceder é... (ponha aqui o leitor o adjectivo que lhe parecer mais conveniente. Se eu o fuisse, talvez não me podesse exhibir de sordemasiado severo).

Em ultima analyse a quem prejudicam manifestações semelhantes? Aos que se prestam a dal-as e não aos que sio victimas della... por quanto ninguém ignora qual a causa que os ignora.

E para que o grupo dissidente, que dá hoje uma assuada, fosse amanhã recebido com outra, bastava sómente que os amigos do governo quizessem descer até ali.

Porém tranquillisem-se. Tal não ha de succeder.

..

Grças a Deus!

Grças a Deus resolveu a camara municipal mandar ajardinar o campo da Aclamação!

Grças a Deus!

Ao Sr. Dr. Araujo Silva ficará a capital do imperio devendo esse grande melhoramento, ha tanto tempo reclamado pela salubridade publica e pelo embellestamento da cidade.

Grças a Deus!

A planta approvada é dos Srs. Glaziou e Fialho, os mesmos que se encarregaram da reforma do Passio Publico, que ali está aos olhos de todos como uma eloquente prova da competencia de ambos esses cavalheiros para as obras desse genero.

Grças a Deus!

Em outro qualquer paiz do mundo, no Indistio ou na Siberia mesmo, quem desso tão boa cópia de si seria logo incumbido do ajardinamento de quantas praças tivesse o o estado. No Brasil as cousas decidem-se a *contrario sensu*, por via de regra.

Por isso poz-se do lado, ha annos, a planta de embellestamento do campo, apresentada pelos Srs. Glaziou e

Fialho, e esperou-se que se apresentasse em scena outro concorrente.

Apareceu um norte-americano, que nunca tinha dado antes a menor prova de sua competencia nessa especialidade, e com elle contratou-se logo a feitura de obra tão importante.

Foi preciso que o cidadão dos Estados-Unidos *rouse a corda* e que o benemerito Dr. Araujo Silva *insistisse* muito, para que se cortasse o nó gordio, dando-se a Cesar-Fialho o que é de Cesar-Glaziou.

Grças a Deus!

Um apertado abraço no sympathico Dr. Araujo Silva! Se pudermos, daremos um dia na *Vida Fluminense* a cópia da planta do jardim do Campo.

..

Outro abraço no incansavel Dr. Eiras, a cujos esforços devemos já não pequenos melhoramentos, o que conseguiu agora que o largo de S. Francisco de Paula tambem fosse ajardinado!

Querem ver o que hade acontecer no anno que vem? Muitos votantes hão de dizer lá com seus botões:

— Ah! O Araujo Silva e o Eiras tomam a verença ao sorio? Procuram com empenho melhorar a capital do Imperio? Por isso mesmo não voto nelles. Não gosto de gente tão zelosa. Foi a viagem á Europa que os estragou. Estão imprestaveis!

E' o que ha de acontecer. Venão.

..

Está annunciada para Setembro uma grande exposição de flores no Passio Publico.

A idéa é excellente; mas para que produza todos os effeitos deve ser a exposição repetida posteriormente em épocas determinadas, de tres em tres annos, por exemplo, para que os particulares possam com tempo preparar-se para o concurso.

Destarte, se a primeira for pobre, as outras exposições poderão ser opulentas de productos.

Não sei porque designou-se o mez de Setembro. Sempra pensei que o da maior florescencia é o de Outubro.

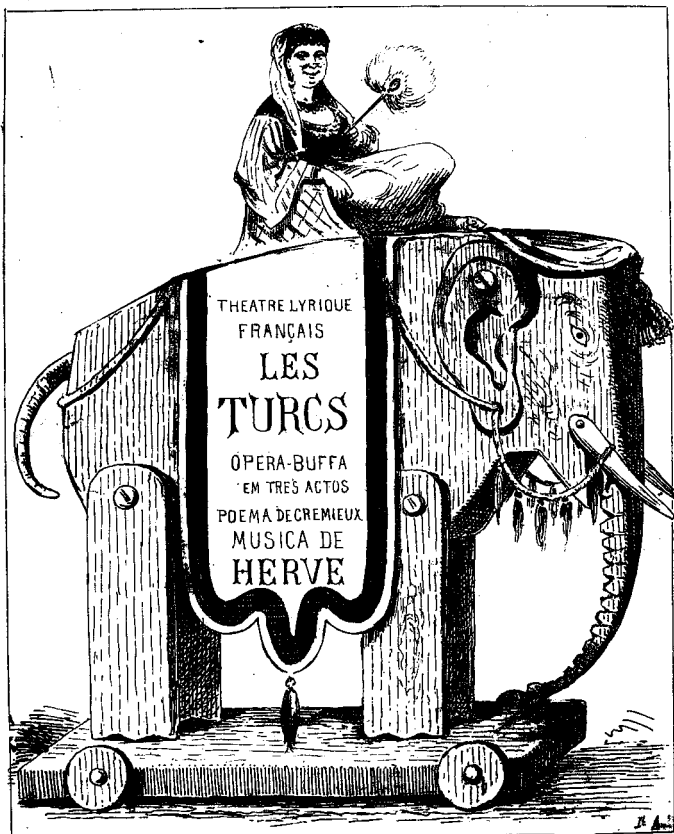
Nesta exposição admittem-se todas as flores... menos as de rhetorica.

Aviso aos palradores!

..

Na quarta pagina do *Jornal do Commercio*, paredes meias com os annuncios do Alcazar e do Pavilhão, declarou-se um dia que o producto de uma conferencia radical foi codido a.... não sei que.

Era um donativo de um conto de mil réis. \*



Quem quizer ver o bicho tal qual se encontra nos vastos funcaes da Africa,  
dirija-se para a rua da Uruguayana das 8 as 11 horas da noite  
(Há sempre bondi.)

# O ventre livre!



Tia Joanna, vimce me espellica como é que minha barriga fica livre?



Alguns senhores reconhecendo o inconveniente de ficarem suas escravas com a liberdade na barriga, empregaram este meio.



E depois de abandonar o ventre livre... (de ir onde quizer) juntam as duas partes captivas e assim ficara resolvida a questão.



— Oh! grandíssima... etc!!  
Foi tu te atreves a comer a empada que comprei expressamente para minha mulher!  
— Meu sinhô, pois agora minha barriga não está livre?



Ao que estão arriscados hoje todos os Romeos que pretenderem libertar o ventre de suas Julietsas!



Nas fazendas sera abolido o casamento; e os que estiverem casados, serão immediatamente divorciados.



Uma liberdade ainda peor de que a do ventre e a liberdade das mãos!



Outra, a liberdade de cabeça que ameaça nosso ventre apesar de ser verdadeira mente livre!



E a liberdade das pernas que... Vendo o jornal 20071 de gradif a quem est. (Não são essas liberdades) mais significativas do que a do ventre?

Desejava muito que me dissessem que destino têm tido os dois tomos dos *ruri nantes* que assistiram às outras conferências.

Ahi vem o grande Taborá!

Decididamente estamos em cheio na quadra das celebridades.

Ainda bem não acabamos de applaudir uma, e já está outra entrando pela barra a dentro!

Bom-vindas sejam todas!

A companhia lyrica também ahi está e promete estrear-se no immortal *Guilherme Tell* do immortal Rossini em 15 do corrente.

Rossi continua a contar as victorias pelas peças que representa.

O Gymnasio queima todas as noites muita *pueraria inglesa* e um o seu episodio da guerra franco-prussiana.

A Phoenix Dramatica exhibiu pela primeira vez na quarta-feira um xistoso oporato de Scribo—*O civeiro de Frei Anselmo*, em que a actriz Eugénia Camara foi muito applaudida e com razão.

No dia 18 deve subir á scena, tambem em primeira recita, no mesmo theatro, a opereta *Triumph as carceres*, palavras do fertilissimo Frauca Junior (fertilissimo em litteratura, entendamos-nos) e musica de Mosquita.

O S. Luiz anda ás voltas com a *Canninha Verde*, que oi até agora propriedade exclusiva do Gymnasio.

Bem se vê que ha molestias que pagam.

A. DU C.

### Assumpo de varias côres.

Divertimentos em profusão, e accomodados a todos os paladares.—Ernesto Rossi.—Visita ao Lyrico na companhia do leitor.—Falle-se do *Hamlet*.—Os *Turcos*.—O beneficio de Graevenstein.—A companhia lyrica.—Como Orlians preparou o terreno.—A allegria do Valle modrada pela proxima elegia da *Taborá*.—Os quadros de Facchinetti.—Duas perguntas.—O Restauranti Mangini.—O estabelecimento de Arrighi e Irmão.

Poucas capitais da Europa tem atualmente, como a nossa tantas e tão variados divertimentos. Ha-os por ahi á cada canto.

Desde o homem mais entusiasta pela litteratura transcendental e pela musica classica, até o mais decidido apologeta do drama moderno, da farça brulesca, o da *opera buffa*—devem todos estar satisfeitos.

Percorramos os theatros, meu leitor, e vejamos se a estrada a minha associo.

Entramos no Lyrico: assistamos ás representações do *Kau* interpretado por Ernesto Rossi.

Saudemos o grande artista italiano, que veio desvendar-nos bellas d'arte até hoje desconhecidas entre nós. Applaudamo-lo ainda na maravilhosa criação do *Frei Luiz de Souza*, a immortal obra de Garret, onde Rossi advinhou, tal qual o pensara o poeta portuguez, o caracter

altivo do fidalgo patriota, do marido modelo, o do pai extremo.

Esperemos pela proxima exhibição do *Hamlet*, annunciada para a quinta-feira, com a fé que devem inspirar nos dous nomes colobres—Shakspeare e Rossi!

Digamos alto e bom som que *Hamlet* é o diamante mais claro da coroa do artista-rei, a tragedia onde em mais vasta es-cala ella mostra os inextinguíveis recursos do seu genio, o trabalho onde se desenrolam, na scena do cemiterio «obretudo», maravilhas de arte que já lhe valeram da imprensa europeia a classificação de *unico!*

E depois do termino feito (isto isto, meu leitor, depois de termos pago a Ernesto Rossi o tributo de admiração sincera e desapassionada a que só tem direito os creioes do Deus)—lançamos um olhar pelos outros theatros e vejamos o que se faz e o que está para fazer-se.

\*\*\*

No theatro francez representa-se com verdadeiro successo a opera a que Cremieux e Hervé deram o nome de *Turcos*.

Um sultão ambicioso e atolado em resolve dar cabo do irmão. Este, porém, cahiu nas boas graças da sultana favorita, e sob o throno depois de renhido combate com turcos... de bonet vermelho e saia curta... e soldados... de camisola branca e barrete d'algodão.

O poema conta pilherias de bom gosto, e situações poranto as quizes não e possível suister-se o riso. Na musica ha trechos de uma extravagancia descommunal a par do outros, onde se revela certa inspiração e verdadeiro conhecimento pratico do tratado de *harmonia*.

A direcção faz pela sua parte quanto era possível fazer-se para garantir o exito da opera do Hervé.

O sexo fraco, nas tres ou quatro mutações... do vestuario a que tem de proceder durante a representação, apresenta um chic luxuoso, que nos transporta nos tempos felizes do *Burbe Blene* e da *Grande Duchesse*.

O scenario cuidadosamente augmentado pelo scenographo André, a quem se deve a vista do 2º acto e *in partibus* as dos outros dois, comore muito para o effecto geral da *mise en scene*.

A par d'estes attractivos, não deixemos ficar esquecidas a entrada de um elephante azul ao qual se deve, em parte, o esplendido golpe de vista que offerece o *tableau* destinado a fechar o espectáculo.

Na interpretação nota-se boa vontade e zelo, cabendo a Mlle. Delmary, a Rôziér, Dubois e Roger juntos e merecidos elogios não só pela execução da parte cantante, como pelo modo porque encenam o fado comico da peça.

Mlle. Aimée veste-se com um primor, que dá na vista de todos, e o Sr. Dupont cada vez nos encanta mais os ouvidos com os seus afinaidos do seu *sympathico* orgão.

Em resumo: os *Turcos* agradaram, e emquanto se espera pelo Sr. Arnaud, que até 15 deve achar-se no Rio de Janeiro, seguido por tres estrellas que não são por certo as que por ahi andam a assignar publicações a *pevida e cersas de pé enco*, não sei do outro espectáculo q-e melhor satisfaça as exigencias dos *habitués alcazarinos*, e que mais luco dê á direcção do theatro francez.

\*\*\*

Antes do deixarmos o Alcazar, amigo leitor, permitta que lhe apresente o Sr. Graevenstein, musico ás direitas, *marreiro director* como poucos, e rapaz modesto como nenhum. O homem faz beneficio na proxima semana, levando á scena a *Zilda*—opera de Flotow—e pede lhe que aceto uma *stalle*.

O leitor, que de ha muito sympathiza com o intelligente chefe da orchestra, accolta com prazer o bilhete

offerecido, e sabores de antemão as emoções que vai ter perante a musica do inspirado author de *Martha*.

Voltemos agora a nossa attenção para a Companhia Lyrica que, finalmente, se acha entre nós, prompta a estrair-se no *Guilherme Tell*, do Rossini.

Saudem os cantores já conhecidos do nosso publico, e vejamos se os outros justificam a reputação de que vem procedidos.

Louvemos o modo porque Ordinas soube preparar o terreno, onde a companhia tem de exhibir os seus espectaculos, enfeitando vistosamente o theatro D. Pedro II, presidindo á pintura das telas novas que tem de servir durante a estação theatral, e chamando a si professores d'orchestra de merito não equivoque; e dada esta noticia aos verdadeiros amadores da scena lyrica, sigamos avante.

Parando alguns momentos no Gymnasio, corre a nós o empresario Valle, do rosto prazenteiro e rubicundo, alegre como uma passchoa, mais feliz que um candidato em vespuras de gaulhar a eleição, e diz-nos.

Não sabem? Vem ahí o Taberla, o actor comico por excellencia, a perda dos theatros de Lisboa e Porto, o homem que faz rir a bandeira de grandes ethos, moços e crianças. Preparam-se para applaudir a valer, assim como em já estou preparado para receber o grande actor, como elle o merecer...

Termina aqui o nosso passeio pelos theatros, amigo leitor.

Agradeço-lhe tio amavel companhia, permita-me que lhe falle agora dos quadros do Sr. Fachinetti, expostos no salão da praça do Commercio.

Representam essas telas:

A rua das Palmeiras, no Jardim Botânico.—paysagem do que é proprietario o Sr. Russel Shaw.

Vista tomada do alto da ladeira de Carralho de Sá, quadro encomendado pelo Sr. Roberts.

A praia de Botafogo tomada do céo do morro da Viua, encomendada do Sr. J. Holcombe.

Fachinetti attendeu, sobretudo, no seu trabalho artistico aos effeitos de luz, copiado-os com a verdade que nos apresenta a esplendida, natureza americana, e conseguiu fazer tres quadros, que dão ao estrangeiro exacta noticia das bellezas do nosso torão, e ao pintor os creditos que de dia para dia se lhe vão augmentando.

Duas perguntas agora, para terminar:

— Gosta o leitor de mesa opipara e succulenta?

Visite o restaurant Mangini situado á rua da Carioca n. 132, peça a lista, escolha o que lhe parecer mais delizioso, e passo-me depois um *sabão* em regra, se do lá não sahir lambendo os belcos.

— Precisa comprar perfumarias, modas, ou artigos de armazinho?

Esperre pela proxima abertura do estabelecimento dos Srs. Aragão & Irmão, na rua do Urvidor n. 41, onde, a par de um sortimento novo e escolhido a dedo, encontrará certa affilidade de manobras e promptidão de serviço, muito agradavel aos que compram o essencialmente preciso aos que vendem.

O distincto poeta Carlos Ferreira offereceu á redacção deste semanario um exemplar das suas *Rosas Invasas*. Agradeço a offerta, não me furto ao desejo de fol-

dejar o autor pelas bellezas que ornão as paginas do seu livro.

Embora nunca ou soubesse fazer versos, gosto de ler, especialmente, os que são bons.

E os do Sr. Carlos Ferreira parecem-me estar nesse caso.

A. DE A.

## Ernesto Rossi

FRÊ LUIZ DE SOUZA

Ha manifestações soberanas do genio, assombrosas maravilhas da arte, que amesquinham a palavra humana a qual só palidamente pôde exprimir as intimas impressões que recebemos, a recordação que deixaram em nosso coração e em nosso espirito.

Nosso caso está a representação de *Frei Luiz de Souza*, drama de Almeida Garrett e o mais brilhante florão da litteratura dramatica portugueza.

Hoje, quo nós vivmos e admiramos o desempenho de Rossi na interpretação dessa obra immortal, perguntamos a nós proprios, porque incomprehensível milagre do talento, o grande artista, que fez o papel do D. Manuel de Souza, não só reproduziu com toda a mestria as sensações e as terribéis aneddotas porque passava nas tremendas situações aquella grande tragedia, mas nos representou tão proprio e tão natural, apesar da differença do idioma, o typo completo, cavalheiresco e severo do antigo e nobre portuguez?

O papel, os antos os personagens reativos por Ernesto Rossi, no immenso, variado e riquissimo repertorio do que dispõe, não são apenas o fructo de sua elevada e fecunda inspiração artistica, são mais que isso; são um estudo profundo, o resultado da meditação historica, da transcendente philosophia dos caracteres humanos, de um conjunto de observações, que honram a sua consciencia de litterato e de artista.

A representação do drama de Garrett por tão célebre actor, é uma data gloriosa para as letras patrias. O genio e a lingua italiana vincularam mais uma alliança do parentesco com o genio e o idioma de Camões.

O que Rossi fez nessas duas noites, auxiliado pela Sra. Patachini e pela sua intelligente companhia, não se pôde circunscrever nos limites de uma phrase passageira, nem resumir em meia dúzia de phrases admiratorias; é preciso ser visto, sentido, admirado, applaudido pelo espectador offogado do enthusiasmo, e arborado até ás lagrimas por effeito daquelles dolorosos e supremos transe.

Rossi não pôde duvidar da cordial e sincera admiração daquelles que todas as noites o vão ouvir, atrahidos pela magnetica sympathia de seu talento, os seus apreciadores constantes, entre os quaes estão alistados todos os representantes da imprensa fluminense: mas é força dizal-o, deve ter sentido não ver assistir a essas sublimas representações, nas quaes presta tão eloquente homenagem á litteratura portugueza, crescido numero de espectadores, significando tambem uma dupla homenagem ao merito do artista e á gloria das letras portuguezas.

Rossi é um astro luminoso que atravessa momentaneamente o nosso horizonte da arte.

Adormos este astro, cuja luz focunda, como toda a que nos vem do cima, ao passo que nos illumina o espirito, nos suavisa e melhora tambem o coração.

ZALUAR.

Ernesto Rossi.



# HAMLETO

*Scena do Cemitério. (Tragedia de Shakespeare)*